



(Foto: Divulgação)



Educação para a vida sustentável

Josinês Rabelo*

Na sociedade contemporânea, a posição do mercado é hegemônica no debate sobre a sustentabilidade, visto que nos modelos de desenvolvimento há o predomínio do enfoque econômico em detrimento ao tratamento das desigualdades sociais e políticas, bem como o respeito à vida e às diferenças culturais. Nessa direção, Moacir Gadotti, educador brasileiro, chama a atenção dizendo que a sustentabilidade é maior do que o desenvolvimento sustentável. Porém, o modelo de desenvolvimento dominante está caminhando para uma insustentabilidade, enquanto que o

discurso de desenvolvimento sustentável aponta para a sustentabilidade planetária.

Estudiosos da educação concordam que a proposta de educação para a sustentabilidade surgiu como estratégia para superar alguns problemas evidenciados pela educação ambiental praticada nas escolas de países da União Europeia, a exemplo da Itália, Alemanha, Espanha, Holanda, entre outros, uma vez que não se mostrou capaz de atuar de forma a atender a crescente complexidade da crise contemporânea. A justificativa foi que as escolas tinham limitações para atuar

nos problemas que atingem a vida em sociedade e era necessário um novo paradigma holístico e interdisciplinar. Isso implica em tratar a crise ambiental em suas várias dimensões (políticas, ambientais, éticas e culturais) em uma abordagem que não fragmente a discussão e possibilite uma leitura crítica da realidade através de metodologias participativas que visem a mudança de hábitos e comportamentos. No entanto, há autores como Moacir Gadotti que questionam a utilização do termo educação para a sustentabilidade por considerar limitado e limitador da educação, pois não tem

a abrangência que é necessária para se constituir em uma concepção da educação.

Gadotti prefere utilizar a expressão educação para a vida sustentável, visto que entende a sustentabilidade como equilíbrio dinâmico com o outro e com o ambiente. Implica em harmonia entre os diferentes, um modo de vida justa, produtivo e sustentável. Gadotti diz que a consciência desse processo se dá através da Pedagogia da Terra, a Ecopedagogia que promove uma aprendizagem do sentido das coisas a partir do cotidiano, uma pedagogia biófila que respeita todas as formas de vida.

É uma pedagogia democrática e solidária. Para o autor, o desafio está em construir um caminho em direção à sustentabilidade por outra globalização, por uma alterglobalização, entendida como movimento de contestação da globalização que tem sido protagonizado a partir de 1999 e desde 2001 se reúne no Fórum Social Mundial. O movimento condena o desenvolvimento liberal que busca o lucro sem considerar a diversidade cultural que gera muitos conflitos socioambientais.

A sustentabilidade, de acordo com Gadotti, pode ser pensada em dois eixos: sustentabilidade ecológica, ambiental e demográfica que se refere aos recursos naturais e ecossistemas, a base física do desenvolvimento e a capacidade da natureza suportar a ação humana; a sustentabilidade cultural, social e política relacionada à manutenção da diversidade, das identidades, da justiça distributiva e ao processo de construção da cidadania e da participação da sociedade no processo de desenvolvimento.

Concordando com Gadotti, o conceito aplicado à educação exige mu-

danças no sistema educacional, reorientação curricular e de conteúdos. Educar para a vida sustentável implica em mudar o sistema, compartilhar valores e princípios éticos que são fundamentais, como respeito a todas as formas de vida, visando à construção de sociedades democráticas, justas e participativas. Assim, a sustentabilidade é uma oportunidade para se construir um sistema educacional que estimule mais a cooperação e menos competição.

É importante termos em mente que não existe um modelo de sustentabilidade universal, pois é necessário considerar os contextos, visto que as vulnerabilidades são globais, mas as soluções são regionais e locais. Assim, há diferentes abordagens de pedagogias e métodos para atuar localmente sem deixar de pensar de forma global. A educação para a vida sustentável implica em ampliar a compreensão da terra, numa perspectiva universal, cósmica. Pressupõe um paradigma holístico que implica em tratar as questões ambientais de forma global e integrada.

A educação para a vida sustentável, de acordo com Leonardo Boff, teólogo, escritor, professor universitário brasileiro e expoente da Teologia da Libertação, é originária da dimensão ética de responsabilidade e de cuidado pelo futuro da terra e da humanidade. Essa educação faz o sujeito descobrir-se como cuidador de nossa Casa Comum e querer a transformação das relações de poder desigual e uma democracia sem fim, como diz Boaventura Santos.

Destarte, a educação para a vida sustentável tem como objetivo formar cidadãos críticos com capacidade de refletir e agir com autonomia, bem como compreender as implicações da

relação sociedade e ambiente e diferenciar os significados dos diversos discursos que permeiam a questão socioambiental quanto às concepções político-ideológicas. Implica em educar na direção de politizar a compreensão dos problemas socioambientais e da problematização de temas como os de democracia, cidadania, participação, justiça e conflitos ambientais, crise ambiental, direitos sociais, diversidade cultural, gênero, entre outros.

Essa educação é questionadora do modelo hegemônico de desenvolvimento orientado pelo mercado que entende a natureza como recurso para a reprodução do capital. Assim, a educação para a vida sustentável reconhece a importância da sociedade civil articulada com um estado democrático como caminho para conter as arbitrariedades do mercado.

Essa politização também quer dizer democratizar as relações entre docentes e discentes e promover práticas participativas e dialógicas de aprendizagem. Nesse sentido, a ideia de aprendizado social se torna central nas discussões sobre sustentabilidade, visto que o tipo de sociedade que buscamos está articulado aos processos de aprendizagem que construímos e colocamos em prática de forma individual e coletiva. É, pois, necessário rever os nossos pontos de vista e renová-los para um agir diferente, criar novas visões de mundo e formas de ação de acordo com a necessidade histórica. Esse é um desafio da educação na perspectiva da sustentabilidade. ■

*Assistente social com mestrado e doutorado em Desenvolvimento Urbano e professora do curso de Serviço Social da Faculdade Asces